

## ENTRE SANTA BÁRBARA D' OESTE E O HAITI: MATERNIDADE NO COTIDIANO TRANSNACIONAL

*Rafaela Gava Etechebere<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Procuo discutir neste artigo alguns acontecimentos que marcaram as vidas e os corpos das haitianas Marli e Rose e, a partir de suas narrativas e das nossas vivências cotidianas, apresento algumas reflexões sobre “ser mãe” entre essas haitianas que se estabeleceram em Santa Bárbara d’Oeste. Através de suas experiências com trabalhos precários, com o racismo em sua violência mais diluída e corriqueira, como ocorre no Brasil, elas mostram as possibilidades de “ser mãe” em contextos em que o “prover” e o “cuidar” não podem ser feitos presencialmente e no dia a dia. Apresenta-se, assim, nas estratégias de construto de laços pelas de remessas, do contato frequente por meio de novas tecnologias, uma forma de resiliência à saudade que permeia seu cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração; Transmigração; Haiti; Maternidade.

## BETWEEN SANTA BÁRBARA D ‘OESTE AND HAITI: MATERNITY IN THE TRANSNATIONAL DIALOGUE

**ABSTRACT:** In this article I intend to discuss some events that marked the lives and bodies of Haitians Marli and Rose and from their narratives and our daily experience I present some reflections on “being a mother” among these Haitians who settled in Santa Barbara d’Oeste. Through their experiences with precarious work, with racism in

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rafaela.etechebere@gmail.com

their most diluted and commonplace violence, as is common in Brazil, they show the possibilities of “being a mother” in contexts where “providing” and “caring” can not be done face-to-face and day-to-day. In this way, it presents itself in the strategies of building bonds through remittances, through frequent contact through new technologies, a form of resilience to the constant missing that permeates everyday life.

**KEYWORDS:** Migration; Transmigration; Haiti; Mothering.

## INTRODUÇÃO

No estudo referente à diáspora entre as haitianas para Santa Bárbara d’Oeste, foram traçadas as principais redes migratórias pelas quais elas chegaram ao município onde realizei a pesquisa. Com elas, verificou-se que os primeiros haitianos que se instalaram no interior do Estado de São Paulo eram todos homens. E conforme estes se instalavam em uma casa, encontravam trabalho e verificavam *possibilidades* de prosperar no Brasil, chamavam então seus amigos, irmãos, vizinhos, além de suas irmãs, tias, primas e amigas para, num momento seguinte, chamarem suas esposas. Com isso, o “amor romântico” se tornou uma via de novos fluxos de pessoas e remessas que acabou por reconfigurar relacionamentos no Haiti e no Brasil.

Mesmo sendo uma das principais vias de chegada ao Brasil, não se pode definir a reunião familiar ou o início de uma relação amorosa como os únicos motivos de todas as haitianas migrarem. No período que estive em contato com essas mulheres, pude conferir outro aspecto de mobilização das haitianas para o Brasil. As mães que não tinham um relacionamento amoroso que implicava obrigações de trocas econômicas, migravam para o Brasil em busca de meios de criar seus filhos que deixaram no Haiti.

Muitas mulheres haitianas com quem conversei eram mães que deixaram suas crianças para trás. Quanto a isso, não há nada de novo ou inesperado. Nos trabalhos de Feldman-Bianco (1997), Machado (2015), Kebbe (2011), Bumachar (2012) e Canales (2005) fica claro que deixar entes queridos em busca de melhores oportunidades é uma constante na imigração. Com a recente intensificação da migração transnacional e, sobretudo, a crescente feminilização da migração, ocorreu um novo

tipo de configuração da família transnacional, em que a mulher, sozinha, também deixa os filhos para trás, estando à procura de oportunidades de melhora de vida através do emprego e não somente da reprodução familiar (MADIANOU & MILLER, 2012; PARREÑAS, 2001).

Essas mulheres, em recepções informais em suas casas, mostraram o lado mais vulnerável das haitianas com quem convivi. Enfrentando trabalhos precários, o racismo em sua violência mais diluída e corriqueira como ocorre no Brasil, elas me falaram sobre as possibilidades de “ser mãe” em contextos em que o “prover” e o “cuidar” não podem ser feitos presencialmente e no dia a dia. Seguindo o esforço metodológico de Glenn (1994), vejo nas possibilidades que essas haitianas me apresentam, um “ser mãe” como relacionamento variável histórica e culturalmente,

em que um indivíduo provê e cuida de outro. *Mothering* ocorre em um contexto social específico em que variam os termos de recursos materiais, culturais e constrangimentos. Como a maternidade é concebida, organizada e realizada não é simplesmente determinado por estas condições, no entanto. *Mothering* é construída por meio de ações de homens e mulheres dentro de circunstâncias históricas específicas e não biologicamente construídas (GLENN, 1994, p. 3, tradução minha)

Na coletânea em que esse texto se encontra<sup>2</sup>, o movimento das organizadoras e das demais autoras dos artigos<sup>3</sup>, além de expandir a definição de “maternidade” construída no século XIX e XX nos Estados Unidos em torno da mulher branca de classe média e dona de casa, é também o de recolocar a questão do “ser mãe” em outros contextos de classe e raça, e nesse movimento, outras facetas da maternidade ligadas,

<sup>2</sup> Glenn, Evelyn N.; Chang, Grace; Forcey, Linda R. *Mothering: Ideology, Experience, and Agency*. Routledge, New York. 1994.

<sup>3</sup> Eileen Boris, Linda M. Burton, Grace Chang, Barbara Christian, Patricia Hill Collins, Linda Rennie Forcey, Evelyn Nakano Glenn, E. Ann Kaplan, Ellen Lewin, Margaret K. Nelson, Barbara Katz Rothman, Denise A. Segura, Stephanie J. Shaw, Rickie Solinger, Carol B. Stack, Susan L. Tananbaum, Sau-Ling C. Wong.

por exemplo, ao que se refere a trabalhar fora<sup>4</sup>, apareceriam e trariam pontos importantes que atingem uma grande população no mundo. Nesse artigo, através de temas como trabalho, racismo e novos meios de comunicação, pretendo refletir sobre a maneira pela qual as histórias das haitianas com quem trabalhei colocam novas possibilidades de se pensar a maternidade, trazendo essa maternidade “marginal” para o centro da reflexão (GLENN, 1994, p.5).

Por a migração se tratar de um aspecto recente na vida dessas haitianas, analiso o seu cotidiano pela bagagem cultural que elas trazem das regiões em que viviam, em que eram consideradas “marginais” em relação ao próprio sistema haitiano de parentesco, visto que não possuem marido e nem pais que as auxiliam financeiramente na criação de seus filhos. O fato de já terem sido casadas desobriga seus pais de ajudá-las. Além disso, a obrigação de “prover” um núcleo familiar vem do marido e pai. Com essa figura ausente, Marli e Rose, com poucas oportunidades de serviço no Haiti e tendo que “ser mãe” de mais de uma criança, veem como a melhor possibilidade de vida imigrar para o Brasil sozinhas. E é a partir das histórias dessas mulheres que desenvolverei as temáticas abordadas.

Para tanto, o texto se desenvolverá em três partes. Na primeira delas, trarei a história de Marli. Ao narrá-la, fica evidente a finalidade da migração, econômica, para o Brasil e a precariedade nas relações de trabalho descritas pela haitiana, empregada como separadora de lixo reciclável. Além disso, sua história evidencia meios na solidificação das relações de afeto transnacionais através das remessas enviadas aos filhos. Na segunda parte, dando continuidade as reflexões sobre as maneiras de “ser mãe”, apresentarei o cotidiano de Rose, em que as novas tecnologias se apresentam como um meio de se fazer presente e cuidar dos filhos. O texto se concluirá, na terceira parte, com uma reflexão sobre os agenciamentos dessas mães haitianas através das redes estabelecidas no Brasil.

---

<sup>4</sup> “Working at motherhood: Chicana an Mexican immigrant mothers and employment”, Denise A. Segura

## AS REMESSAS E O TRABALHO COM O LIXO

Em campo, meus dias geralmente começavam com a ida até a casa de Mercina. Por ser uma das haitianas mais próximas de Luíza, meu primeiro contato brasileiro com o campo, ela se tornou um nó essencial da trama que eu traçava no cotidiano com as haitianas e que transferia, de certo modo, a confiança dos haitianos por Luíza para mim. Além disso, em sua vizinhança, haviam várias casas de haitianos, sendo mais fácil estacionar o carro em frente à sua e seguir o campo a pé. Na tarde de 14 de junho de 2015, um sábado, foi um desses dias que segui para a casa de Mercina. Saí do carro e vi uma grande aglomeração. Naquele dia, o culto haitiano do Pastor Eddy<sup>5</sup>, da cidade de Americana, estava acontecendo na garagem. Ao lado da garagem, no corredor já lotado de roupas de adultos masculinas e femininas estendidas, estava Mercina lavando a roupinha de Luciana, sua filha caçula. Perguntei se Marli estava e Mercina, com um sorriso, me apontou a edícula no fundo da casa.

Além de Mercina e Luciana, mais três famílias residiam nesta casa, totalizando oito pessoas: o cunhado de Mercina e um primo deste, um casal que havia mudado há pouco para Santa Barbara d'Oeste, Marli e José. Havia 3 cozinhas na casa, além de 4 banheiros, o que dava certa privacidade aos moradores, que tinham somente um grande corredor lateral – no qual Mercina trabalhava naquele dia – como a única ligação entre as casas e como único acesso à rua. Desci esse corredor, dei um beijo em Luciana, que brincava ao final dele, e encontrei dois haitianos conversando com José enquanto este tinha o cabelo trançado por Marli. José e Marli deram um sorriso e me disseram para entrar e me sentar. Os dois haitianos foram embora e o casal perguntou se eu faria a entrevista naquele dia. Nós havíamos nos conhecido na semana anterior, momento no qual combinei com eles a entrevista que gostaria de fazer com Marli.

A casa de Marli estava limpa, com a comida pronta. O *konpa*<sup>6</sup> tocava no computador de José, sendo que este tinha aberto, em seu navegador,

---

<sup>5</sup> Esses eram cultos evangélicos ministrados em crioulo haitiano. Eles se passavam em cada semana na casa de um haitiano diferente, geralmente pertencente ao mesmo bairro.

<sup>6</sup> Gênero musical haitiano.

a página da rede social *Facebook*, local em que José mantinha algumas conversas em andamento. Sentei-me e ela me perguntou se poderia continuar trançando os cabelos de José, ao que eu respondi que sim. Marli tinha 35 anos, mas aparentava ser mais nova. Seus cabelos estavam presos em pequenas tranças que se juntavam em um “rabo de cavalo” baixo. Como ela entendia pouco o português, pediu para que José ficasse para traduzir a entrevista. Vi que ela ficou mais à vontade com seu companheiro por perto, então disse a ela que não seria um problema. Ela me contou que a vida não era nem boa e nem ruim no Haiti. *Pa pi mal*. Ela fazia comércio, era uma *madanm sara*, descrita por eles como uma função parecida com a de “sacoleira” no Brasil. Elas são comerciantes que garantem a oferta de produtos de boa parte dos mercados de Porto Príncipe e de outras cidades centrais para a economia do Haiti. Elas conectam as cidades mais centrais com as regiões rurais do país e são responsáveis, muitas vezes, pelos circuitos entre Haiti e a República Dominicana, Estados Unidos e Panamá (THOMAZ, 2010).

Marli chegou ao Brasil no final de 2013 pela cidade de Brasília, depois de uma difícil viagem pelo Peru. Quando perguntei a ela sobre como se sentiu na viagem, ela me respondeu: “em um país que tem ‘*pè*’ (‘medo’, em crioulo haitiano) no nome, eu não poderia ter me sentido diferente”. Ela descreve que foram recorrentes as vezes em que o ônibus com que atravessavam o país foi parado pela polícia peruana. Eram feitas “revistas” nos haitianos, que perdiam todo o dinheiro que carregavam consigo no processo. José narrou que chegou a ser preso por não ter dinheiro para dar aos policiais.

De Brasília, José e Marli seguiram para Cascavel, no Paraná, onde se encontraram e começaram a namorar. Lá, José tinha um emprego que perdeu depois de algum tempo. Marli nunca conseguiu achar um. Foi um amigo de José que lhe contou sobre o município de Santa Bárbara d’Oeste. Sem o trabalho de José e sem a perspectiva de Marli conseguir um emprego, os dois voltaram a migrar, agora para São Paulo. Chegaram no interior paulista em abril de 2015. No momento em que conversávamos, José se encontrava empregado, mas Marli não. Ele sustentava a casa que os dois dividiam no Brasil além de ajudar seus dois filhos que ficaram no

Haiti. Seria um cenário comum se, primeiro, o casal estivesse no Haiti e segundo, se os filhos fossem de Marli. Como esse não era o cenário que se configurava, Marli estava muito desconfortável com a situação.

As haitianas mais jovens com quem conversei almejavam isso: ter todos os custos bancados pelo companheiro. As mais velhas me narravam suas experiências no Haiti nas quais maridos e companheiros pagavam quase tudo para suas esposas, namoradas e amantes, ajudando, inclusive, a cuidar de filhos que não fossem seus. Quando questionadas se no Brasil isso também ocorria, elas diziam que não. Por mais que esse fosse seu ideal de uma relação, “todo mundo que está fora é para trabalhar”, como me conta Phahidra, e para Marli não seria diferente. Marli, que residia na periferia da capital do Haiti, desistiu dos últimos anos de escola para se casar. Com isso, perdeu o contato com o pai, que não aceitou o casamento da filha aos 17 anos. O marido de Marli construiu uma casa e eles tiveram três filhos. Quando seu filho mais novo tinha poucos meses de idade, o casal se separou. Ela ficou com a casa e com as três crianças para sustentar.

Marli chegou a trabalhar costurando uniformes escolares, mas conseguiu ter mais sucesso ao trabalhar com comércio. Chegou a namorar mais um moço, mas o relacionamento também não deu certo. “A vida foi ficando mais difícil”, como ela me disse. Quando sua filha mais velha completou 14 anos, Marli pediu para a irmã, que morava na França, para cuidar da menina. No entanto, a situação financeira não melhorou. Foi quando ela ouviu no mercado sobre o Brasil. Ela então juntou suas economias com dinheiro de seus familiares, deixou os outros dois filhos aos cuidados de outra irmã que residia no Haiti e veio para o Brasil. No dia em que conversávamos, a única renda que auxiliava as crianças era a que vinha do aluguel da casa, construída pelo primeiro marido, no Haiti.

Duas semanas depois dessa primeira conversa, retornei à casa de Mercina. Marli estava na porta da cozinha da amiga. Tinha em sua face um aspecto mais cansado, marcado por suas olheiras mais intensas. Ela me contou que havia conseguido um emprego na empresa Reciclagem S.A., local em que muitas haitianas trabalhavam. Perguntei se ela estava feliz com isso e a resposta foi um longo suspiro e um aceno negativo com a cabeça: “Mas preciso do dinheiro pro Haiti. Não tem como dizer

não pra trabalho”. Depois de conversar algumas amenidades sobre a escolinha de Luciana com Mercina, fui à casa localizada no final da rua, pertencente à Phahidra, com quem iria trabalhar naquele dia. Phahidra e eu nos sentamos no sofá que ficava na garagem. Enquanto olhávamos o movimento da rua, vi José indo ao mercado e logo me lembrei de Marli. Perguntei à Phahidra porque tantas mulheres trabalhavam e odiavam seus trabalhos na Reciclagem S.A.

“Entra e sai muita gente de lá. Ninguém vai te contar, mas lá dá um pouco de medo de trabalhar, porque tem homens com armas e tudo. E o trabalho é horrível. Elas trabalham com lixo”. Falei que reciclagem não era lixo, eram vidros, plásticos e papéis que deveriam ser separados. Com um aceno negativo de cabeça, Phahidra continuou: “Fralda é reciclável? Papel higiênico é reciclável? Cachorro morto é reciclável? Eu acho que não. Isso tudo é lixo”. Tive que concordar com ela, que prosseguiu:

Eu não trabalharia lá. Eugeni me contou que todas as mulheres se sentam ao chão, com suas próprias roupas, avental, luvas e uma máscara. Abrem as pernas e um homem vem e despeja o lixo no meio delas e elas começam a separar o material reciclável do lixo. E vem muito bicho, verme, coisa estragada no meio. Eu não trabalho com isso não!

Phahidra, tinha 23 anos no dia em que conversávamos. Ela era considerada pelos outros haitianos como uma menina, como uma adolescente que saíra a pouco da infância, e assim como outras jovens haitianas solteiras e sem filhos de Santa Barbara d’Oeste tem uma maior liberdade de escolher seus empregos. Durante os quatro meses que eu estava em campo, Phahidra ficou três deles desempregada procurando por um emprego em que ganhasse melhor, em que tivesse melhores condições de trabalho. Marli, assim como Mercina e Rose – e outras haitianas –, tinha poucas opções e muita urgência. Diferentemente de Phahidra, que tinha uma vasta rede de ajuda, incluindo mãe, pai, tios e irmãos, e que não tinha obrigação de enviar remessas e ajuda a algum dependente seu que estivesse no Haiti – o que permitia a ela ter mais tempo para selecionar o

seu trabalho –, Marli precisava sustentar quase que totalmente sozinha sua vida no Brasil pagando aluguel, contas e alimentação, além de sustentar os filhos que estão longe e auxiliar as pessoas que se prontificaram a cuidar deles. Sua *localização social* a posiciona em um espaço muito mais definido e sem muitas possibilidades de mobilidade.

As poucas mulheres jovens e solteiras com quem tive contato (uma delas, Phahidra) vinham para o Brasil para estudar e trabalhar, tornando a qualificação profissional um motivo das haitianas migrarem. Entre as haitianas, as jovens são definidas menos no sentido da faixa etária e mais no sentido da *localização social*, pois eram mulheres solteiras, sem filhos, com uma vasta rede de ajuda que incluía remessas de parentes que residem principalmente na República Dominicana e nos Estados Unidos. Diferente das mães haitianas, as quais divido parte de suas histórias nesse artigo, mulheres como Phahidra, migram para o Brasil não porque a vida estava difícil no Haiti, mas porque ouviram que aqui, além de trabalhar, elas poderiam estudar em instituições brasileiras. Essa era a principal vantagem para estas jovens na escolha do Brasil ao invés dos Estados Unidos, local em que só poderiam estudar se possuíssem o *Green Card*<sup>7</sup>. Ou seja, o trabalho não era uma prioridade na trajetória de migração dessas jovens, diferentemente das mães que estão nesse artigo e das outras mães que não tem marido e não podiam contar com a ajuda de seus familiares.

Quando nos voltamos ao mercado de trabalho, a única “vantagem” que Phahidra tem sobre Marli diz respeito somente ao tempo que ela tem para selecionar um emprego, mas não diz respeito aos tipos de emprego que são ofertados aos haitianos e haitianas que estão vindo ao Brasil. No decorrer da pesquisa acompanhei, não apenas no próprio campo, mas também através de várias reportagens, a precariedade dos trabalhos atribuídos aos imigrantes haitianos<sup>8</sup>. Em duas destas notícias, publicadas

---

<sup>7</sup> O Green Card se refere ao processo de imigração para que qualquer estrangeiro nos Estados Unidos se torne um residente permanente. O Green Card serve como prova de que o seu titular é um residente permanente legal (lawful permanent resident – LPR), ao qual foi concedido oficialmente benefícios de imigração, que incluem a permissão para residir e ter um emprego nos Estados Unidos.

<sup>8</sup> Entendo *trabalho precário* a partir da definição de Hirata (2009), que traz, através das pesquisas realizadas sobre o trabalho e o desemprego em âmbito internacional, três indicadores do trabalho precário: 1) ausência de proteção social e de direitos sociais, inclusive de direitos sindicais; 2) horas

por dois jornais distintos, em datas apartadas, é narrado o sentimento de indignação dos haitianos diante das possibilidades e condições de trabalho que encontram no Brasil, comparando tais condições ao trabalho escravo, assim como conta Robert ao jornal televisivo dominical da Rede Globo, o “Fantástico”.

Os trabalhos em que os haitianos se empregam são descritos por empregadores, voluntários e outros brasileiros como “serviços que os brasileiros não querem fazer”. Esse movimento é definido por Sayad (1998) como o paradoxo da alteridade, uma vez que esses trabalhos são um recurso para quem migra, na tentativa de melhoria, mas é também um recurso a ser explorado pelo capital desejoso de força de trabalho. No entanto, as formas de inserção do imigrante nessas condições são marcadas pela tensão, e por mais que ele viva em um lugar, será sempre um estrangeiro. Glick-Schiller (2009) também fala desse paradoxo da imigração em que as transferências financeiras de migrantes têm figurado em políticas de poderosas instituições do globo, sendo que o próprio Banco Mundial declarou que as remessas dos migrantes se tornaram o novo agente do desenvolvimento. Entretanto, Glick-Schiller (2009)

---

reduzidas de trabalho, que resultam em salários baixos e que levam frequentemente à precariedade; 3) níveis baixos de qualificação: a ausência de qualificação formal e a consequente baixa renda levam, em inúmeros casos, à precariedade e ao desemprego. Esses indicadores direcionam-se para uma marcada divisão sexual da precariedade, já que as mulheres são mais numerosas do que os homens tanto no trabalho informal quanto no trabalho em tempo parcial, além do número inferior de horas trabalhadas e de níveis mais baixos na escala de qualificação (Hirata, 2009).

<sup>9</sup> “Robert tem quatro filhas. Professor de matemática no Haiti, em São Paulo, ele conseguiu emprego de operário, mas não gostou do que viu. ‘Encontro muitas injustiças. Muitos brasileiros ou brasileiras consideram os haitianos, nas empresas, como escravos’, afirma.” Imigrante diz que muitos brasileiros consideram haitianos como escravos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/07/imigrante-diz-que-muitos-brasileiros-consideram-haitianos-como-escravos.html>>. Acesso em: 07/03/2016. “Laurie Jeanty: Alguns brasileiros usam os haitianos, eles não têm direitos iguais aos dos outros empregados. Nem todo mundo é assim, mas alguns [empregadores] manipulam bem. Alguns tratam os haitianos como escravos. Eles não conseguem fazer nada quanto a isso, como vão conseguir ajuda, se não sabem falar bem a língua portuguesa? Não tem ninguém para interagir, não tem ninguém para falar por eles.” “Alguns brasileiros tratam os haitianos como escravos”, diz organização de defesa dos imigrantes. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/43152/alguns-brasileiros-tratam-os-haitianos-como-escravos-diz-organizacao-de-defesa-dos-imigrantes.shtml>>. Acesso em 07/03/2016.

verificou um descompasso entre este discurso com o discurso de políticos, imprensa e opinião pública, que retratam os migrantes transnacionais como ameaças à segurança nacional.

Nessa lógica, afinal, o que é um imigrante? Sayad (1998) define um imigrante essencialmente como uma força de trabalho – e uma força de trabalho provisória temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um “trabalhador imigrante” se torna quase um pleonasma (SAYAD, 1998, p. 54). A análise do autor é categórica em relação à dicotomia imigração e trabalho, sendo que essas duas complementam-se e a primeira só tem sentido quando contemplada pela segunda, pois um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele. Ele só está aqui e tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho, porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele (SAYAD, p. 55).

No entanto, quanto à definição do trabalho do imigrante como uma força de trabalho provisória e precarizada, deve-se ainda ter mais atenção quando a maioria das oportunidades de trabalho que esses haitianos têm são racializadas. Assim como há centenas de anos os trabalhos precários foram designados às pessoas negras, pobres e residentes da periferia no Brasil, tal trabalho também se define pela mão de obra negra e imigrante do século XXI. No caso das mulheres, assim como as mulheres negras brasileiras, isso fica ainda mais evidente quando o setor de serviços domésticos foi um dos únicos espaços no qual essas mulheres encontraram trabalho. Os homens haitianos, entendidos como “negros e fortes”, são empregados por tais características. Por sua dificuldade em se mover socialmente à procura de melhores oportunidades, são empregados em serviços com grande rotatividade, como siderurgia, frigorífico, ou outros empregos sem espaço de ascensão. Sendo assim, é importante frisar que a raça é um dos temas mais relevantes no que tange ao mercado de trabalho.

Todavia, o marcador “raça” não é único. Ao se fazer uma reflexão sobre trabalho, gênero e migração, é impossível não trazer para a discussão as questões que envolvem as mulheres migrantes pobres e racializadas dos países do Sul que se tornam trabalhadoras domésticas e trabalhadoras do

*care*<sup>10</sup> nos países do Norte (“países ricos”), questões presentes em várias investigações atuais. Handerson e Joseph (2015) fazem uma reflexão em seu artigo “As Relações de Gênero, de Classe e de Raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil” sobre a trajetória de quatro mulheres haitianas – duas que migraram para a França e duas que migraram para o Brasil – que trabalham nos serviços de *care*. Para essas mulheres, a oportunidade de trabalho nesse tipo de serviço geralmente é recusável, a não ser quando se apresenta como única opção. Do ponto de vista dessas mulheres, as atividades que consistem na limpeza de objetos e de pessoas são consideradas sujas (JOSEPH, 2011). O “trabalho sujo” (*sale boulot*), analisado por vários autores no setor do trabalho doméstico (BENELLI, 2011), e o *care* (MOLINIER, 2004) são os principais aspectos da *decadência do status social* das mulheres migrantes haitianas.

Os autores colocam que esses aspectos materiais da *decadência* estão articulados com os aspectos simbólicos e devem ser levados em consideração para apreender em que medida o trabalho pode parecer degradante do ponto de vista delas. Algumas pessoas podem estranhar e se surpreender pelo fato de essas mulheres haitianas recusarem o setor doméstico – “um trabalho digno”, alguns poderiam dizer. Mas, é importante compreender que essas mulheres haitianas assimilaram e interiorizaram essa desvalorização do setor doméstico, a partir de suas referências sociais. No Haiti, esse tipo de serviço é desvalorizado, e as mulheres haitianas se referem sistematicamente à situação das empregadas domésticas no Haiti para criticar o desprezo associado ao serviço doméstico (HANDERSON, 2015).

Mas o que acontece quando o referencial deixa de ser mulheres próximas, de um status inferior ao seu e que lidam com o serviço doméstico – como uma empregada doméstica –, e passa a ser uma pessoa “realmente pobre” – como uma catadora – que manuseia o lixo dos outros para ganhar a vida? É com esse tipo de comparação que muitas haitianas que trabalham com “lixo” lidam todos os dias. Por serem avaliadas por suas

---

<sup>10</sup> Entendo o *care* como esse trabalho de cuidado à pessoa será considerado como parte do trabalho doméstico (gratuito ou pago), mesmo que o cuidado à pessoa seja uma atividade particular no setor doméstico.

qualidades e não por suas qualificações elas são empregadas no setor da separação da reciclagem. Se estas mulheres possuem ensino fundamental, médio ou superior, não importa. Não importa se falam três línguas ou no que elas trabalhavam no Haiti, o que importa aos empregadores são as qualidades consideradas, social e historicamente, inerentes e naturais a elas como mulheres, como atenção, cuidado e organização do espaço (FREITAS, 2010).

“Eu me sinto um lixo”, Marli me disse três meses após o nosso último encontro, em frente à casa de Mercina. Acabados os três meses de treinamento, a empresa de reciclagem a demitiu. Nesse dia, eu havia me dirigido à casa para falar com a irmã de Mercina e aproveitei para ver Marli. A encontrei, em pleno sábado, no meio da manhã, deitada no sofá, acordada, olhando para a tela do computador desligado. Seus cabelos não estavam mais trançados como de costume, estava de pijama, com olheiras profundas. Ela me deu um sorriso de olá. Eu a abracei e ela então me contou que havia sido demitida sem nem saber o porquê, mas que também não queria mais trabalhar lá. Se sentia como um lixo. Depois, com lágrimas nos olhos, disse que precisava do emprego, por mais que não gostasse dele. O movimento que Handerson e Joseph (2015) viram em seus respectivos campos ficou evidenciado para mim: o da desvalorização do *self* que essas mulheres passam ao trabalharem em serviços desvalorizados e em pensar que essas são as únicas oportunidades que elas têm no país que escolheram viver.

Os aspectos materiais da decadência concretizaram-se no emprego com o lixo de Marli, e em sua fala “eu me sinto um lixo” ela evidencia não só a desvalorização do *self* como a substancialização de seu corpo no objeto com o qual trabalha. Ao pensarmos o corpo a partir de Csordas (1990) ele passa a ser visto não como fato bruto da natureza nem um fato dado, mas como um processo construído histórica e culturalmente, um sujeito e agente da/na cultura. Sendo assim, a cultura é corporificada (*embodied*) e não dada exteriormente à experiência do sujeito. Nesse sentido, em um curto espaço de tempo, Marli em seus cabelos destrançados, roupas desalinhas e em sua casa desorganizada, acabou por corporificar os aspectos negativos de seu trabalho.

Não foi somente a decadência corporificada de Marli que fez com que ela se desvalorizasse. O fato de ela não conseguir enviar as remessas aos seus filhos era outro grande motivo da tristeza para haitiana. Logo chegaria o aniversário do seu filho mais novo e ela não poderia enviar dinheiro para roupas novas. Não tinha conseguido comprar um celular para as duas crianças que ficaram no Haiti e que ainda dependiam do telefone da avó para falar com sua mãe. Com a filha mais velha que mora na França, Marli quase não tem mais contato, não podendo ajudar sequer com a comida dela. Esses foram problemas que encontrei não só com Marli, mas com outras haitianas que, por não conseguirem manter um emprego, não conseguiam manter o fluxo contínuo de remessas para seus filhos que ficaram para trás.

*Lajan*, ou o dinheiro, que aqui trago como remessa, é frequentemente o primeiro assunto a ser resolvido entre os haitianos que estão na diáspora e aqueles que estão no Haiti. Mesmo entre mães e filhos que ainda não estejam na idade adulta, ele é o primeiro tema resolvido em ligações telefônicas, mensagens instantâneas ou em videoconferências. Isso porque, mesmo tendo um visto humanitário, os haitianos, em sua maioria, são imigrantes econômicos, tendo no envio de remessas um dos principais motivos para migrarem. No caso das mulheres com filhos que não tem marido nem uma vasta rede de ajuda e que tem poucos recursos, trabalhar para enviar remessas era o principal objetivo na vida que elas estabeleceram no Brasil. Quando se trata de remessa, não é só o prover a vida, mas é cuidar da vida de quem ficou.

Com isso, a remessa pode ser entendida como muito mais que um meio para alimentar, vestir e educar os filhos que ficaram para trás, ou como no caso de Marli, que também migraram para outros países. A remessa é uma *substância* que realiza a manutenção dos laços de parentalidade entre mães e filhos que estão distantes. Não digo que essas mulheres deixem de ser mães dessas crianças quando não dão conta de enviar remessas aos seus filhos, pois o sangue é mais forte que qualquer outra substância quando se trata da constituição do parentesco no Haiti. Mas a remessa, pensada a partir da noção de *relatedness* de Carsten (2004), constitui e estrutura uma maternidade para essas mulheres a partir da qual Marli daria conta

de prover tudo o que seus filhos precisassem: comida, roupas, uniformes, sapatos, brinquedos, celulares, estudos e o que mais as crianças pudessem desejar e isso é uma parte de como uma haitiana da diáspora pode ser uma boa mãe.

Ao não conseguir enviar o dinheiro da remessa, se coloca em jogo, para essas mulheres não somente o cuidado da criança que ficou para trás, mas o quanto elas se preocupam com seus filhos. A tristeza e o desgaste de Marli eram muito mais que mera frustração por não conseguir manter um trabalho no Brasil. Um processo ainda mais grave do que a própria haitiana tornar-se “lixo”. A perda do emprego tratava também da incapacidade dela de cuidar de seus filhos.

## O COTIDIANO NA DIÁSPORA

Sentadas na varanda, Phahidra e eu ouvíamos *konpa*. A música *My Life*, do grupo *5 etwal*, embalou quase todos os dias em que estive com as haitianas. Naquele dia não havia muito movimento na rua como costumávamos observar, talvez por que fosse uma segunda-feira à tarde. Phahidra, Rose, Wesley (irmão de Phahidra) e eu havíamos combinado de eu dar a eles uma carona para o distrito industrial de Santa Bárbara d'Oeste para que Rose pudesse comparecer a uma entrevista de emprego em uma siderúrgica e Phahidra e Wesley aproveitariam para entregar seus currículos nessa empresa e em outras próximas. Era meio de agosto, e a crise econômica, que vi chegando aos poucos a partir no meu campo de pesquisa, se tornava uma realidade contra a qual os haitianos e suas redes buscavam novas estratégias de enfrentamento.

Terminada a entrevista – que Rose descreveu como não muito boa – fomos para casa que Phahidra e Rose dividiam com mais duas haitianas e dois haitianos, casa que apelidei como *Kap Kay*, ou a casa do Cabo Haitiano – porque todos seus moradores já se conheciam da cidade de Limonade, na Região do Cabo Haitiano, norte do Haiti.

A casa não era muito grande. Tinha dois quartos, uma cozinha/sala, um banheiro e uma garagem. A garagem tinha um grande sofá e cadeiras distribuídas, além de duas máquinas de lavar que não funcionavam e várias

bacias nas quais as roupas eram lavadas. Phahidra e eu ficamos na garagem enquanto Wesley foi buscar o tablet da irmã no quarto e Rose seguiu para a cozinha. Phahidra e Wesley me mostraram um vídeo gravado no celular da haitiana no culto do dia anterior em que Wesley cantava uma música gospel em português. Aplaudi o moço que estava em minha frente e pedi por uma demonstração que, como no vídeo, não deixou espaços para defeitos, tanto em seu português quanto em sua afinação. Novamente, batemos palmas e ouvimos as palmas de Rose vindas da cozinha. Chamei Rose para se sentar conosco, mas foi Phahidra quem respondeu: “Rose está fazendo *fritay*<sup>11</sup> pra você! Falei que você gostava muito de banana frita e ela quis fazer pra você. Ela também vai fazer *salami*. Você conhece *salami*? Na República Dominicana a gente chama assim”. Não demorou para que Rose trouxesse um prato grande com muitas bananas da terra verdes e fritas acompanhadas de mortadela frita, ou *salami*.

Rose voltou para a cozinha para preparar um suco e, enquanto Phahidra, Wesley e eu dividíamos o prato, o celular dela tocou. Era o filho mais novo de Rose. Os dois conversaram por poucos minutos e depois de encerrada a ligação, Rose voltou até a garagem para pedir que Wesley emprestasse a ela o tablet de Phahidra, pois seu filho logo faria uma chamada por *Skype*<sup>12</sup>. Rose, assim como Marli, era mãe, e seus dois filhos ficaram no Haiti. Rose nasceu e cresceu em Limonade, uma cidade importante do Norte do país. Nessa cidade, ela chegou a cursar até o equivalente ao ensino Fundamental I brasileiro e, com este concluído, foi

---

<sup>11</sup> *Fritay* é um termo usado para comidas fritas no Haiti. Nas ruas do país é comum encontrar mulheres vendendo esses pratos. O *fritay* pode incluir carne de porco, carne de vaca, banana da terra (verde) e linguiça, e é acompanhado por *pikliz*, que é repolho cortado de forma fina, com cenoura ralada, temperado com vinagre e pimenta.

<sup>12</sup> O *Skype* é uma ferramenta de comunicação on-line por texto, áudio e videochamada que, segundo o site da criadora Microsoft, “serve para ajudar as pessoas a fazerem coisas juntas quando estão separadas. O chat e as chamadas de voz e com vídeo do *Skype* facilitam a troca de experiências com quem mais importa na sua vida, onde quer que vocês estejam. Com o *Skype*, você pode compartilhar uma história, comemorar um aniversário, aprender um idioma, realizar uma reunião, colaborar com colegas – praticamente qualquer coisa que vocês precisem fazer juntos todos os dias. Você pode usar o *Skype* como for melhor para você: no seu telefone, computador ou em uma TV com o *Skype* instalado. Você pode começar a usar o *Skype* de graça, para falar com outras pessoas, vê-las e trocar mensagens de chat com elas, por exemplo.

ajudar a mãe com o comércio. Foi nesse período que aprendeu com sua mãe a fazer negócios em Dajabón<sup>13</sup>. Já mais velha, Rose se casou com seu marido e teve dois filhos. Nessa época ela não precisou trabalhar fora, pois seu marido mantinha um emprego na capital, Porto Príncipe, e provia o que a família precisava em Limonade.

Essa realidade mudou no dia 12 de janeiro de 2010. O marido de Rose estava trabalhando quando o relógio começava a aproximar seus ponteiros das 17 horas e os abalos do grande terremoto que assolou o país foram sentidos na capital haitiana. Era um terremoto de magnitude 7,0 na escala Richter. Metade da capital haitiana ficara destruída. Estimase que 250 mil pessoas foram feridas, 1,5 milhão de habitantes ficaram desabrigados e o número de mortos ultrapassou 200 mil<sup>14</sup>. Entre os mortos, estava o marido de Rose. Viúva, Rose voltou a trabalhar com comércio para sustentar seus filhos. No início de 2015, ela ficou sabendo pela avó de Phahidra que seus netos estavam conseguindo bons trabalhos no Brasil e decidiu deixar os filhos para trás e se mudar, em maio deste ano, para a casa onde sempre nos encontrávamos em meu trabalho de campo. Nos primeiros meses, ela conseguiu um emprego em uma fábrica e investiu, com seu primeiro salário, em um tablet para o filho. Um mês se passou e ela foi demitida. “Eu ia comprar um *smartphone* pra mim”.

Rose e Marli, assim como Mercina, Marlene, Alina, Santana e tantas outras haitianas de Santa Bárbara d'Oeste procuram meios para se comunicarem com seus filhos que ficaram no Haiti. Ao se comunicarem com essas crianças e adolescentes, essas mães não só obtêm notícias e dão informações sobre o que está se passando: elas cuidam efetivamente dos seus filhos. A distância, que apartaria a participação dessas mulheres

---

<sup>13</sup> Dajabón é uma cidade localizada na República Dominicana, na fronteira com o Haiti. Ela é descrita como uma cidade mercado. Às segundas-feiras até sextas-feiras, os haitianos estão autorizados a atravessar temporariamente a ponte para vender seus produtos. A maioria dos produtos são roupas usadas, sapatos, produtos secos a granel, e eletrodomésticos. Nesses dias, uma área de vários acres na borda ocidental da cidade torna-se um lugar de negócios lotado. Além dos haitianos, dominicanos vão ao mercado para vender alimentos (legumes cultivados em sua parte do país).

<sup>14</sup> Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1446514-5602,00-COBER TURA+COMPLETA+TERREMOTO+NO+HAITI.html>>.

na criação de seus filhos, se dilui, pelo menos no espaço de tempo em que essa mulher se conecta com seu país, e mais uma cena do cotidiano transnacional acontece com a manutenção de várias vidas em dois lugares diferentes. Naquela tarde de segunda-feira, vi na chamada por *Skype* que Rose fazia para seu filho, que conectava o tablet emprestado da amiga no Brasil com o tablet da criança no Haiti, que esta não parecia ser uma relação “lesionada” pela distância espacial. O menino, que já trajava uma camisa grande e confortável, com uma bermuda também “desleixada”, tomou uma bronca da mãe porque não estava “com uma roupa boa” para falar com as visitas – no caso eu, muito distante dele. O menino, com vergonha, saiu para trocar de blusa e eu pude ver no seu quarto um uniforme pendurado ao fundo. Phahidra e eu conversávamos com ele, enquanto Rose terminava de fazer o suco para nós. Ao retornar, o menino nos descreveu seu dia na escola, algumas de suas brincadeiras e falou que o irmão estava bem e que estava na casa da tia deles. Depois que Rose terminou o suco, pegou o tablet para si e os dois começaram a discutir sobre as remessas e Phahidra e eu voltamos à garagem.

A manutenção dos vínculos entre mães e filhos separados pela migração transnacional, que faz com que a “família transnacional conectada” se mantenha de forma intensa nos dias atuais, se dá por meio da explosão de oportunidades comunicativas proporcionadas pelas novas mídias (BUMACHAR, 2011). Conforme os anos passam, as mídias de comunicação acabam por “denunciar” a época em que produzimos nosso material de campo. Richman (2005), por exemplo, que desenvolveu seu trabalho de campo entre haitianos migrantes nos Estados Unidos e entre parentes desses imigrantes no Haiti, acompanhou essa busca de conexão e proximidade ser colocada em prática por meio da gravação e do envio de fitas cassetes. Nos fluxos atuais cada vez mais intensos, barreiras temporais e espaciais são desafiadas, por sua vez, a cada instante de um “click” em uma notificação de chegada de uma mensagem em tempo real<sup>15</sup> em um aplicativo, que está no *smartphone*, em nossas mãos.

---

<sup>15</sup> Depende da conexão com a internet.

Além do *Skype*, as haitianas de Santa Bárbara d'Oeste também utilizam com regularidade o *Whatsapp* e o *Facebook*. Também existe a possibilidade da realização de chamadas internacionais, realizadas com o uso do cartão telefônico “Africard”. Cada uma das mídias tem possibilidades de ação a partir da interseção de marcadores sociotécnicos, tais como “interatividade, temporalidade, capacidade de armazenamento, durabilidade do conteúdo, replicabilidade, alcance e visibilidade, mobilidade, pistas, natureza pública/privada, custo e capacidade informacional” (BUMACHAR, 2011). Para entender tanto a comunicação quanto como se dá a maternidade transnacional no contexto das haitianas de Santa Bárbara d'Oeste, é necessário compreender os marcadores sóciotécnicos em cada possibilidade de comunicação e como elas são acionadas.

Primeiro, é necessário pensar sobre os equipamentos e acessórios aos quais os migrantes haitianos têm acesso. Quando chegam, na maioria das vezes, eles não têm nenhum equipamento: celular, tablet, smartphone, notebook ou computador. Nas primeiras semanas, eles emprestam o celular de outros haitianos para se comunicarem com parentes e amigos. Não demora até que comprem seus próprios celulares de modelos mais simples. Nesses celulares, eles realizam chamadas internacionais através do uso do cartão “Africard”. Comprado em Campinas e revendido em Santa Barbara d'Oeste por 10 reais, os haitianos conseguem ligar para seu país durante 10 minutos para cada cartão, o que barateia os custos em relação a uma ligação internacional simples, mas ainda é muito caro e restritivo. Mesmo que adquiram aqui no Brasil ou tragam do Haiti ou da República Dominicana celular, tablet, notebook ou computador, todos têm alguma limitação comparado ao smartphone. O celular, mesmo sendo o equipamento mais barato, é de comunicação mais cara. O notebook e o computador têm a dificuldade do transporte e de, assim como o tablet, não ter a possibilidade de comunicação via *Whatsapp*.

Esse software para smartphone é utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à internet. Ou seja, com a internet instalada na casa e transmitida

via *Wi-Fi*<sup>16</sup>, todos os haitianos conseguem se comunicar instantaneamente com outros haitianos que estão também conectados à internet no Haiti e em outros lugares da *diáspora*. Conselhos, piadas, comentários, paqueras atingem um tom de cotidiano e proximidade mais difícil de ser atingido em conversas por *Skype*, que também podem ser feitas via *smartphone*. Com esse equipamento os haitianos podem acessar de forma rápida e prática o *Facebook*, outra ferramenta de comunicação muito importante para eles. Assim como por *Whatsapp*, a rede social permite que aqueles que se utilizam dela enviem mensagens instantâneas para parentes e amigos. Mesmo que esse seja o uso mais recorrente da rede social, o uso mais interessante foi o envio, recebimento e o armazenamento de fotos.

Um dia de festa, um dia de culto, uma ida ao shopping, toda semana nas aulas de português, uma touca, um par de óculos ou uma roupa nova sempre foram justificativas para haitianos e haitianas posarem e fazerem fotos para postar em suas páginas pessoais no *Facebook*. Perguntei para Phahidra o porquê daquilo e ela me respondeu que não havia jeito melhor da sua família saber se ela estava bem se não através das fotos postadas. As fotos sempre eram tiradas em situações em que se sentiam bem, estavam arrumados e estavam em um lugar bonito, “chique”, como me descreve Phahidra, para todos saberem que estão bem. Mas não só os haitianos que estão na *diáspora* têm esse hábito. Os haitianos que ficaram no Haiti também registram seus bons momentos para que seus amigos e parentes saibam que estão bem. Mães, tias, irmãos e avós registram seus filhos, sobrinhos, irmãos e netos arrumados para seu primeiro dia de aula ou para irem à igreja para que os pais, as mães, os tios, avós das crianças, que enviam remessas para ajudar na educação e nos cuidados, saibam que ela está bem.

Com o *smartphone*, fotografar e compartilhar fotografias torna-se muito mais rápido e prático, aproximando os cotidianos, o que adiciona mais um motivo pela preferência desse equipamento. Por isso, quando Rose diz que teria comprado um *smartphone* com seu próximo salário,

---

<sup>16</sup> *Wi-Fi* é uma abreviação de “*Wireless Fidelity*”, que significa fidelidade sem fio, em português. *Wi-Fi*, ou *wireless* é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, e geralmente é transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos etc.

ela está dizendo que teria comprado o meio para entrar no cotidiano de seus filhos, amigos e parentes que estão no Haiti e fora dele via *Whatsapp*, além de que, sempre que possível, faria videoconferências com as crianças via *Skype* pelo aparelho. Cada vez que tivesse saudades ou estivesse preocupada, poderia ver, através do aparelho, as fotos de seus filhos arrumados e saberia que eles ficariam menos preocupados quando vissem as suas fotos no *Facebook*. Além disso, ela poderia se sentir mais próxima do seu país ao poder ouvir rádios haitianas pelo aparelho quando estivesse conectada à internet ou ouvir suas músicas favoritas, compartilhadas via *Bluetooth*<sup>17</sup> com outros haitianos próximos. Sendo assim, Rose poderia se fazer mais presente na criação dos seus filhos, atendendo suas necessidades de maneira mais eficaz.

## AGENCIANDO AFETOS

Marli e Rose ocupam um espaço entre os haitianos com quem estive que é diferente das outras mães com quem conversei, pois uma questão se destacava constantemente no recontar de suas narrativas: “*eles [seus filhos] não tem ninguém*”; “*eu não tenho ninguém*”. As mulheres migrantes ocupam na imaginação do social o espaço de acompanhantes de seus maridos. Esse movimento merece ainda mais ênfase quando se trata do contexto haitiano em que o homem ocupa um lugar claro de provedor, lugar daquele que trabalha para fora e ganha o dinheiro para manutenção da casa. No entanto, essas mulheres, separada e viúva, não podem contar com a ajuda de seus ex-companheiros. Como elas tiveram filhos, elas são responsáveis por essas crianças. Mesmo que a criação das crianças no Haiti não pertença somente aos pais<sup>18</sup>, são eles que proveem o básico aos

<sup>17</sup> O Bluetooth é uma tecnologia de comunicação sem fio que permite que computadores, smartphones, tablets e afins troquem dados entre si e se conectem a mouses, teclados, fones de ouvido, impressoras e outros acessórios a partir de ondas de rádio. A ideia consiste em possibilitar que dispositivos se interliguem de maneira rápida, descomplicada e sem uso de cabos, bastando que um esteja próximo do outro.

<sup>18</sup> Tratei sobre o tema no artigo “Criando Crianças: Reflexões sobre o Parentesco Haitiano em meio a Dyaspora”, apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia e na ANPOCS de 2014.

filhos. Os avós e tios delas também ajudam financeiramente, mas a ajuda é esporádica. Por isso, essas mulheres dizem não contar com ninguém mais a não ser elas mesmas e sua força de trabalho. Força esta que tem urgência de ser empregada, pois paga comida, educação e roupas para os filhos. Não há tempo para seleção do emprego que mais as interessa. Há a necessidade de se ter um salário.

As duas passaram pela empresa Reciclagem S.A. Seus corpos se modificaram: “para quê se arrumar tanto se vou trabalhar com lixo”, dizia Rose. O processo de Marli exemplifica de forma mais contundente essas mudanças: os cabelos antes minuciosamente trançados agora estavam soltos, quando muito cobertos por uma touca. Seus olhos, antes com uma leve maquiagem para os encontros casuais em um sábado à tarde, agora estão marcados por profundas olheiras.

A vaidade perde espaço para a necessidade de responder a demanda de cuidar dos filhos. Em razão disso, e por serem mulheres negras que emigraram do Haiti, elas acabam por selecionar os trabalhos ofertados pela determinação da classe e da raça, muito mais que a partir de suas qualificações. Mesmo que tenham companheiros, como é o caso de Marli, ou que tenham amigos com quem possam contar, como é o caso de Rose com Phahidra, essas pessoas, diferente de um núcleo familiar, têm suas próprias obrigações com suas redes, tendo pouca possibilidade de ajuda a não ser em pequenezas do cotidiano. Sendo assim, a ajuda “extra”, quando vem, geralmente não vem na forma de dinheiro, que é o único componente da remessa que Marli e Rose enviam para o Haiti.

Ainda que essas mulheres estabeleçam redes aqui no Brasil, o fato de serem mães transnacionais pertencentes a uma rede de possibilidades de ajuda limitada é determinante em suas estratégias, escolhas e agenciamentos no país em que residem. Essas mulheres enfrentam situações de adversidades em que sua cor da pele e a dificuldade de compreensão do português, colocam em cheque a sua capacidade de prover e cuidar de seus filhos. Rose não conseguiu comprar o aparelho eletrônico que desejava, mas conta com a ajuda de sua pequena rede para falar com seus dois filhos. Por essa dependência, não é sempre que a saudade chega que ela consegue falar com eles, assim como Marli, que depende muito de José.

Nesse cotidiano em que é tão precário “prover”, e o “cuidar” física e emocionalmente implica em uma constante negociação do que é melhor para o futuro das crianças, a falta das crianças em sua rotina tem grande impacto no emocional dessas mulheres. Mas, apesar da saudade, o medo da influência da cultura do país para o qual imigraram na formação de seus filhos faz com que essas mulheres tenham a certeza de que deixar seus filhos para trás ao migrarem é a melhor escolha para as próprias crianças. A maioria das haitianas acredita que “é melhor que os mais pequenos cresçam no Haiti. A escola é melhor, lá tem respeito, tem igreja, tem Deus. Aqui fica muito difícil dar limite, cuidar de tudo”, como me disse Marli certa vez.

Ao pensar o movimento migratório transnacional das mulheres haitianas que tem como finalidade “prover” bens materiais para os filhos, trabalhar com o cotidiano e a precariedade do trabalho, que passa pela nacionalidade, classe, raça e gênero, revelou muito mais do que vítimas dos percalços da migração. Mesmo que elas vissem seus sonhos e ambições se diluírem de maneira drástica na correnteza do dia a dia em suas vidas na diáspora, ao entenderem que seus objetivos não seriam atingidos no tempo que estimavam, assim como outras haitianas, elas continuaram a agenciar suas possibilidades e suas necessidades através de suas redes de trabalho, amor e amizade.

Desse modo, dia após dia, procuraram uma melhor qualidade de vida no país em que escolheram estar e proporcionar o melhor para aqueles que estavam distantes, fisicamente. Visto assim, as vivências enquanto estiveram no Brasil não foram capazes de destruir as expectativas das haitianas, mas ressignificaram a experiência de migração dessas. Foi na construção do corriqueiro que se verificou agenciamentos possíveis, tanto do cuidado quanto da saudade. Com ajuda de suas estreitas redes e a facilidade a um “clique” das novas tecnologias de comunicação, a administração dos afetos entre Rose e Marli com os filhos tornam possível a realização dessa migração transnacional.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BENELLI, Natalie Nettoyeuse. *Comment tenir le coup dans un sale boulot*. Zurich: Editions Seismo, 2011.
- BUMACHAR, Bruna Louzada. Migração e novas mídias: um diálogo sobre a experiência familiar transnacional de estrangeiras presas em São Paulo e de trabalhadoras filipinas residentes em Londres como fazer um blog. *Revista Pós-Graduação Ciências Sociais*, Natal, UFRN, v. 12, n.2, 2011.
- CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. *ETHOS*. v. 18, n. 1, 1990.
- CARSTEN, Janet. *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FREITAS, Taís Viudes. *Entre o tempo da produção econômica e o da reprodução social: a vida das teleoperadoras*. Campinas, 2010. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- GLENN, Evelyn N.; CHANG, Grace; FORCEY, Linda R. *Mothering: Ideology, Experience, and Agency*. New York: Routledge, 1994.
- GLICK-SCHILLER, Nina. Towards a Comparative Theory of Locality in Migration Studies: Migrant Incorporation and City Scale. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 35, n.2, fev. 2009, p. 177-202.
- HANDERSON, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrllie. As relações de Gênero, de Classe e de Raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v.9 n.2, 2015, p. 1-33.
- MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. *Migration and new media: transnational families and polymedia*. Londres/Nova York: Routledge, 2012.

- MOLINIER, Pascale. La haine et l'amour, la boîte noire du féminisme? Une critique de l'éthique du dévouement. In: BACHMANN, Laurence (et al.). *Famille-travail: une perspective radicale?* Nouvelles Questions Féministes, vol. 23, n. 3, p. 12-25. Lausanne: Antipodes, 2004.
- PARREÑAS, Rahcel Salazar. Mothering from a distance: emotions, gender and intergenerational relations in Filipino Transnational Families. *Feminist studies*, vol. 27, n.2, 2001.
- RICHMAN, Karen. *Migration and Vodou*. Gainesville: University Press of Florida, 2005.
- SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. Edusp: São Paulo, 1998.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. *Novos Estudos Cebrap* [online], n.86, 2010, pp.23-39.

